

# O YouTube e o Cyberbullying de alunos contra professores *around the world*

YouTube and Cyberbullying of students against teachers around the world

Antônio A.S. Zuin<sup>1</sup>

Universidade Federal de São Carlos, UFSCar, São Carlos-SP, Brasil

## Resumo

O professor, de uma forma ou de outra, sempre foi identificado como autoridade pedagógica. Mas, e se houvesse uma sociedade cujo desenvolvimento tecnológico determinasse transformações radicais na produção e disseminação do conhecimento, a ponto de se alterar, de forma decisiva, as relações entre professores e alunos? O professor continuaria a representar um modelo de identidade para o aluno que pudesse acessar informações de forma *online* em quaisquer tempos e espaços? Diante do contexto da sociedade da cultura digital, destaca-se o objetivo deste artigo: investigar o modo como alunos praticam cyberbullying em relação a seus professores por meio de imagens gravadas por telefones celulares, as quais são postadas no sítio de compartilhamentos de imagens e comentários chamado YouTube. Serão analisados três vídeos postados por alunos de três diferentes países (Brasil, Portugal e Inglaterra), cujas imagens se referem a situações vivenciadas com seus respectivos professores. Pretende-se, ainda, argumentar que tais atitudes são indícios de transformações radicais que estão ocorrendo em relação ao modo como os alunos identificam o professor como uma autoridade pedagógica.

**Palavras-chave:** Cultura digital. Cyberbullying. YouTube. Celulares.

## Abstract

The teacher, in one way or another, has always been identified as a pedagogical authority. But if there were a society whose technological development determined radical transformations in the production and dissemination of knowledge, to the point of decisively changing the relations between teachers and students? Would the teacher continue to represent a model of identity for the student who could access information online in any time and space? In view of the context of the digital culture society, the objective of this article is to investigate how students practice cyberbullying in relation to their teachers through images recorded by mobile phones, which are posted on the site YouTube. It will be analyzed three videos posted by students from three different countries (Brazil, Portugal and England), whose images refer to situations experienced with their respective teachers. It is also intended to argue that such attitudes are signs of radical transformations that are occurring in relation to the way students identify the teacher as a pedagogical authority.

**Keywords:** Digital culture. Cyberbullying. YouTube. Cellphones.

---

<sup>1</sup> Professor-Titular do Departamento de Educação. Assessor Fapesp e Bolsista Produtividade CNPQ 1 B. Coordenador do Grupo de Pesquisa: Teoria Crítica e Educação. E-mail: dazu@ufscar.br

## Introdução

O professor, de uma forma ou de outra, sempre foi identificado como autoridade pedagógica. Durante o transcorrer das relações estabelecidas nas salas de aula, os alunos sempre disputaram entre si a atenção de seus professores, de modo que quando um professor se lembrava do nome de um determinado aluno, destacando-o diante dos demais, este não conseguia disfarçar o sorriso de satisfação, pois fora diferenciado pelo nome dos outros colegas. Por outro lado, o mesmo professor também poderia distinguir certo aluno dos demais por meio da aplicação de uma medida punitiva, decorrente de um comportamento considerado inadequado. Se o aluno, em certas ocasiões, sentiu certo temor diante da figura do professor, não só em função da ameaça do exercício de algum tipo de violência, fosse de ordem física e/ou simbólica, esse mesmo aluno receava também perder o respeito do professor, caso se comportasse indevidamente. Sendo assim, o desenvolvimento de sua consciência moral alicerçava-se no desejo de um dia ocupar o lugar do professor, identificado como a autoridade pedagógica. Dito de outra maneira: o aluno gradativamente deveria perceber que valeria o esforço de se comportar da forma desejada pelo professor, uma vez que futuramente poderia adquirir tal autoridade, sobretudo se optasse por seguir a profissão de ensinar.

Seguindo esta linha de raciocínio, o conceito de autoridade pedagógica se fez presente desde os primórdios da relação professor-aluno, adquirindo diferentes tonalidades, tal como pode ser observado nas maneiras pelas quais as chamadas pedagogias tradicional e moderna caracterizaram a autoridade do professor. Ocupando ou não um papel central no desenvolvimento de tal relação, a condição do educador como modelo identitário do aluno se fundamentou na internalização e na contestação de tal figura de autoridade. Mas, e se houvesse uma sociedade cujo desenvolvimento tecnológico determinasse transformações radicais na produção e disseminação do conhecimento, a ponto de se alterar, de forma decisiva, as relações entre professores e alunos? O professor continuaria a representar um modelo de identidade para o aluno que pudesse acessar informações de forma *online* em quaisquer tempos e espaços? E mais: ao controlar tais mediações tecnológicas, o aluno não poderia produzir novas formas de agressão ao professor, numa espécie de cyberbullying contínuo e permanente?

Diante deste contexto, destaca-se o objetivo deste artigo: investigar o modo como alunos praticam cyberbullying em relação a seus professores por meio de imagens gravadas por telefones celulares, as quais são postadas no sítio de compartilhamentos de imagens e comentários chamado YouTube. Serão analisados três vídeos postados por alunos de três diferentes países (Brasil, Portugal e Inglaterra), cujas imagens se referem a situações vivenciadas com seus respectivos professores. Pretende-se, ainda, argumentar que tais atitudes são indícios de transformações radicais que estão ocorrendo em relação ao modo como os alunos identificam o professor como uma autoridade pedagógica.

## Cyberbullying como produto da era digital

De acordo com pesquisadores, cyberbullying é identificado como imagens e comentários nocivos dirigidos contra determinadas pessoas no ambiente virtual. Repetidamente produzidos por meio de equipamentos e recursos eletrônicos, tais

conteúdos são deliberadamente ofensivos, humilhantes e ameaçadores, de tal modo que se estabelece uma relação de poder desigual e autoritária entre algoz e vítima. Por meio do uso de aparelhos celulares e computadores, as imagens e comentários depreciativos são postados em sites de rede sociais, tais como MySpace, Orkut e Facebook e YouTube, bem como blogs particulares.

No contexto escolar, justamente a constância e a repetição das agressões feitas em relação a alunos e professores caracterizam fundamentalmente o conceito de bullying. Exatamente a vitimização repetida e prolongada é o que constitui “o coração do processo de bullying” (KYRIACOU, 2003, p.17). Seja tal vitimização feita nas formas de agressões físicas, verbais, ou mesmo por meio da exclusão social, a constância e a repetição das agressões distinguem o bullying de outras formas pontuais de exercício de violência. Ocorre que no caso das práticas de cyberbullying, tanto a constância, quanto a repetição das agressões, não se restringem ao número de imagens e comentários que são postados nos sites das redes sociais, pois, por meio da própria característica da comunicação *online*, as imagens e comentários permanecerão no ambiente virtual independentemente do número de vezes que foram postadas. Não por acaso, já existem resultados de pesquisas que relacionam, em casos extremos, a consciência da vítima de cyberbullying da permanência contínua de tais imagens e comentários com a prática de suicídio, principalmente entre jovens estudantes do sexo feminino (HINDUJA; PATCHIN, 2010; O’HIGGINS; CONNOLY, 2011).

Embora os praticantes de cyberbullying, bem como suas vítimas, tenham consciência, em muitas ocasiões, das consequências decorrentes das postagens de imagens e comentários depreciativos nas redes sociais, nota-se a presença cada vez maior do impulso de transmitir-se eletronicamente como uma espécie de condição de confirmação da própria identidade. Em tempos da chamada era digital, consolida-se uma nova ontologia, de tal modo que se a identidade de alguém não for confirmada eletronicamente, é como se se tratasse de uma não existência viva (TÜRCKE, 2010). São notórios os casos de adolescentes que permanecem horas seguidas diante das telas de seus computadores, a ponto de praticamente não mais se relacionarem presencialmente nem com amigos, e nem com os entes queridos. Inclusive, não é fortuito o aumento contínuo da obesidade e doenças de jovens que se viciam cada vez mais na produção e no consumo de estímulos audiovisuais.

O prazer sádico do praticante de cyberbullying precisa ser também investigado em relação à sociedade cujos membros se deleitam cada vez mais com o processo de espetacularização de si próprios. É nessa sociedade que os próprios cyberbullies transformam suas imagens e comentários numa espécie de ferroada audiovisual, a qual é imediatamente associada com o poder da imagem que o cyberbully faz de si próprio. Porém, diante do número incomensurável de imagens e comentários depreciativos que são continuamente postados, são justamente os mais violentos os que têm maiores chances de serem percebidos e visitados nas redes sociais. São tais imagens e comentários que conseguem vencer a luta titânica que travam com outros, pois capturam a atenção do espectador por meio da intensidade das agressões que são publicadas no ambiente virtual.

Na realidade, o número de espectadores que não para de aumentar estimula a confluência do narcisismo com o sadismo do cyberbully. Concomitantemente, a falta de empatia e a dessensibilização, as quais são intensificadas em decorrência da

proteção da tela do computador que distancia o agressor da vítima, fazem com que sentimentos de onipotência se consolidem como característica da personalidade dos praticantes de cyberbullies. Mesmo que as vítimas adquiram judicialmente o direito de retirar as imagens e comentários dos sites das redes sociais anteriormente citadas, tais conteúdos podem ser gravados e reproduzidos em quaisquer situações. É por isso que muitas vítimas desenvolvem um sentimento de vulnerabilidade, a ponto de concluírem que não há como evitar a perpetuação do cyberbullying, de tal maneira que a amplitude da audiência potencial das agressões pode agravar o sentimento de humilhação e isolamento das respectivas vítimas (LIVINGSTONE, 2009). Assim, muitos dos alunos que sofrem cyberbullying evitam compartilhar o próprio desespero com educadores e pais, justamente porque concluem que ninguém poderá impedir que o cyberbullying prolifere, além de que poderiam correr o risco destes mesmos pais e educadores impedirem o uso das redes sociais por parte das vítimas como uma tentativa de se estabelecer algum tipo de proteção.

Por outro lado, o possível anonimato do cyberbully parece encorajá-lo a não hesitar em postar os conteúdos humilhantes e cruéis na Internet, até porque o fato de não observar imediatamente as reações dos alunos vitimados pode fazer com que sua dessensibilização e falta de empatia sejam ainda mais recrudescidas do que em comparação com o bullying face a face. Mas é a percepção de que sua audiência será incomensuravelmente maior que faz com que o narcisismo do cyberbully seja acalentado todas as vezes que um espectador acessa as imagens depreciativas e sua visita é registrada logo abaixo do vídeo e somada às que foram anteriormente feitas (ZUIN, 2012). E é neste contexto que os educadores se tornam alvo de práticas de cyberbullying, tal como será observado a seguir por meio da análise de três vídeos postados no YouTube.

### **Video 1: Aluna agride professora para reaver celular**

Gravado por um aparelho celular de um aluno do ensino médio de uma escola da cidade do Porto, em Portugal, o primeiro vídeo tem como participantes uma aluna, a professora e cerca de 15 alunos. Este vídeo foi postado pela primeira vez há 8 anos e já foi visto por 470.800 visitantes. A primeira imagem retrata o desespero da aluna, cujo celular foi retirado de suas mãos pela professora, provavelmente porque o som ou mesmo a conversa da aluna estavam atrapalhando o transcorrer da aula. No início, a aluna pede para a professora devolver seu celular. Diante da resposta negativa da educadora, que pede para que aluna se sente imediatamente, ela grita: “Devolva meu celular já!”. Subitamente, a aluna começa a rir, aparentemente assustada diante de sua própria reação.

Contudo, a professora não aceita devolver o aparelho e a aluna agarra as mãos da professora com toda a força, na tentativa desesperada de reaver seu celular. Enquanto a educadora e a aluna se atacam e se agridem mutuamente, parte dos alunos filmados expressa incredulidade diante da cena, enquanto outra parte começa a gargalhar. Mas quem mais se diverte com a situação é o aluno que filma toda a cena por meio do seu celular. Quando um dos alunos entra na frente da briga, o aluno que a filma ordena aos gritos, ao mesmo tempo em que gargalha: “Sai da frente!”, pois não queria correr o risco de perder o registro de nenhuma cena de seu futuro cyberbullying.

Enquanto isso, a aluna e a professora continuam a se agredir, ao mesmo tempo em que se aproximam da porta da sala de aula. No final do episódio, alguns alunos conseguem separar a professora da aluna agressora e a educadora consegue sair pela porta.

É interessante observar, logo no início do vídeo, a expressão de surpresa da aluna agressora imediatamente após ter gritado com a professora ao ordenar-lhe para devolver o celular. É como se ela tivesse se surpreendido com a própria ousadia, ao mesmo tempo em que seu riso poderia ser um sinal indicativo de que ela refletiria sobre a impropriedade de sua reação violenta. Mas, na verdade, o instante de hesitação é imediatamente substituído pela reação ainda mais violenta de agredir fisicamente a professora. Diante da situação, surgem as seguintes questões: Qual seria o motivo do exercício de tais reações absolutamente violentas, tanto no plano simbólico, quanto no plano físico em relação à professora? O que o celular significa para essa aluna, a ponto de ela ter reagido desta maneira? Quais seriam as razões do aluno ter filmado todo o evento e ter disponibilizado tais imagens no YouTube?

Talvez não haja uma resposta exclusiva para cada uma destas questões, mas justamente o nível de violência da reação da aluna conduz o raciocínio para a análise da magnitude da importância do aparelho celular em sua vida, a ponto de servir de justificativa para o rompimento de uma questão-tabu relacionada à profissão de ensinar: a agressão física e verbal do aluno em relação ao professor. Com efeito, o aparelho de telefone celular há muito tempo não mais se restringe à sua função de telefonia, mas sim permite, entre outras funções: a comunicação *online* por meio de trocas de e-mails e mensagens instantâneas; a participação em redes sociais, tais como o YouTube, o MySpace e o Facebook; a gravação de tais imagens, sons e textos por meio das funções de câmera e vídeo; a exibição de filmes e vídeos por meio de sua função de televisão; a possibilidade de localização de pessoas e endereços por meio de aplicativos que podem ser baixados, etc. Essa onipotência do aparelho parece também ser internalizada pela aluna, que não mais identifica limites de ação para si própria, pois o que realmente importa é reaver o aparelho a qualquer custo. De fato, a presença dos celulares na vida não só dos alunos como de crianças e adultos é tamanha, que, no caso dos adolescentes, chega a atingir o número de 98% nos EUA (WEI; WANG, 2010).

Contudo, a onipresença dos celulares em praticamente todas as situações do cotidiano dos alunos não pode servir como justificativa para a violência demonstrada pela aluna, pois seu comportamento se aproxima muito do indivíduo viciado em algum tipo de substância. No caso específico da aluna, nota-se o modo como as características de uma cultura se materializam num determinado comportamento, haja vista a presença constante do vício por estímulos audiovisuais, de tal modo que se o aparelho lhe for retirado é como se uma parte do próprio corpo tivesse sido arrancada. Numa sociedade como a nossa, na qual a comunicação imagética adquire tamanho vulto, perceber-se privada do aparelho que permite tal comunicação pode exemplificar aquilo que foi anteriormente mencionado como uma não existência viva, ou seja, aquela que existe fisicamente, mas por não se manifestar eletronicamente é como se não existisse. O mesmo raciocínio vale para o aluno que filmou todas as cenas, pois ele sabe que seu sadismo será revitalizado pelo prazer narcísico de conferir o aumento das visitas dos espectadores, cujos registros são observados logo abaixo

do vídeo postado no YouTube. Este prazer sado-narcísico também se faz presente no segundo vídeo, que será analisado a seguir.

## **Vídeo 2: Professor quebra celular de aluna durante a aula**

Neste segundo vídeo, cujas imagens reportam a uma aula de biologia de uma escola de ensino médio do Brasil, o celular de uma aluna toca enquanto o professor explica para os alunos os conceitos de mitose e meiose. O som é de uma música Funk e é ouvido por todos que estavam na sala de aula. Ao ouvir o som, o professor interrompe o desenvolvimento de seu raciocínio por alguns segundos e, visivelmente aborrecido, retoma suas explicações sobre os conceitos acima descritos. Subitamente, o celular toca novamente, a aluna atende a chamada e parece dizer que não pode falar naquele momento. Ato contínuo, o professor se aproxima dela enquanto continua explicando os conceitos, diz que não é possível permitir uma situação como essa, como se esta frase fizesse parte das explicações conceituais, retira o celular da mão da aluna e o arremessa com toda a força no chão. Logo em seguida à destruição do aparelho, feita sob o olhar de espanto dos alunos, o professor continua a explicar os conceitos como se nada tivesse acontecido. A última cena do vídeo retrata o olhar do aluno que filmou todo o evento, ao mesmo tempo em que diz para a câmera: “Uau!”.

A reação do professor diante do toque do celular da aluna pode ser identificada como desesperada, pois percebeu que ninguém conseguiria mais se concentrar em suas explicações conceituais, caso o celular continuasse a ser utilizado pela aluna. Novamente, a hegemonia da produção e propagação de informações na sociedade da era digital determina profundas modificações na incorporação e reflexão do conhecimento que possa ser produzido. Já são notórias as consequências da dificuldade de concentração em determinados assuntos. Diante do bombardeamento de dados na forma de estímulos audiovisuais, torna-se cada vez mais difícil fixar a concentração num determinado tópico para que haja o tempo necessário para o desenvolvimento de reflexões conceituais e não de respostas-reflexos. Diante da miríade praticamente infinita de links que direcionam a atenção para os mais diversos sites, a própria capacidade de concentração é como que pulverizada, engendrando a chamada distração concentrada (TÜRCKE, 2012).

Os efeitos da distração concentrada também podem ser observados nas salas de aula. Mesmo nas atuais pesquisas, cujos resultados apontam para possíveis benefícios que alunos e professores poderiam obter por meio do uso de celulares e seus aplicativos durante o transcorrer das aulas, observa-se o desconforto entre os educadores e educandos (TÜRCKE, 2012). Tal sensação deriva do risco de que a concentração poderia se dissipar, de tal forma que não mais seria possível o estabelecimento de relações conceituais por meio da reflexão das informações obtidas *online*. Em relação a este vídeo, a reação violenta do professor diante da possibilidade de o celular deflagrar a denominada distração concentrada sinaliza também sua dificuldade em dialogar com os alunos sobre a presença cada vez maior das chamadas novas tecnologias também no contexto escolar. A reação do professor de continuar a explicar os conceitos de meiose e mitose após ter violentamente destruído o celular da aluna, como se nada disso tivesse acontecido, revela também, nessa sua destrutiva defesa, o quanto se incomoda com uma espécie de rivalidade que se estabelece entre ele e o celular.

Já os alunos perceberam muito bem tal incômodo e planejaram deliberadamente toda a construção do cyberbullying, haja vista o fato de que um aluno gravou o evento desde o seu princípio. Muito provavelmente, outro aluno utilizou seu celular para fazer as chamadas no celular da aluna, cujo toque da música Funk interrompeu a aula, ao mesmo tempo em que o outro aluno filmava a reação do professor para depois postá-la no YouTube. Uma vez que há outros milhares de vídeos sobre situações vividas por professores e alunos no YouTube, os mais agressivos são aqueles que têm mais chances de serem vistos, de tal modo que a violência da cena da destruição do celular conseguiu, até o momento, capturar a atenção de quase 2 milhões de espectadores.

Talvez não fosse exagerada a assertiva de que uso de celulares nas salas de aula insere-se na disputa de relações de poder entre professores e alunos. E tais relações não se referem apenas ao domínio da grande quantidade de operações que aparelhos tais como smartphones podem realizar, mas sim concernem à disputa e domínio das formas de comunicação *online* por parte de ambos. É no atual contexto da sociedade da chamada era digital que se avizinham modificações profundas tanto na produção e propagação de informações que podem adquirir a condição de conhecimento, quanto na denominada esfera subjetiva. Justamente este fato impulsiona a redefinição dos papéis dos agentes educacionais e, portanto, da própria autoridade pedagógica, sendo este o tema principal do terceiro vídeo.

### **Vídeo 3: Professores e alunos lutam nos arredores da escola**

Postado em 2012 e visto por 3.716 espectadores até o presente momento, o terceiro vídeo mostra uma briga realizada nos arredores de uma escola do ensino médio de Londres. Professores e alunos lutam num amplo gramado enquanto são filmados muito provavelmente por um aluno da mesma escola. Tem-se a impressão de que os professores, inclusive um deles aparentando ter cerca de 60 anos, tentam separar alunos que estavam brigando entre si.

Contudo, ambos, professores e alunos, agridem-se mutuamente enquanto vários alunos gritam e gargalham diante da cena de luta. No transcorrer da gravação das imagens e comentários, um dos alunos corre para frente da câmera do celular e grita que, finalmente, “Os professores estão num mundo maravilhoso!”. Imediatamente, todos os alunos que estão em volta do celular gargalham. O vídeo termina com a filmagem, feita a certa distância, dos alunos e professores do outro lado da rua, aparentemente conversando sobre o que aconteceu.

Este tipo de cyberbullying praticado pelos alunos revela muito a respeito do modo como concebem e incorporam a chamada autoridade pedagógica. Há bem pouco tempo atrás, seria impensável o aluno gravar em seu celular e postar no YouTube tal vídeo. Porém, a impossibilidade de o aluno postar tais imagens não se limitava ao fato de ainda não existir a tecnologia que lhe capacitaria proceder dessa forma. Ou seja, há pouco tempo atrás prevalecia principalmente o respeito ao professor enquanto figura de autoridade, a ponto de o aluno pensar duas ou mais vezes se as consequências de seu comportamento poderiam afastá-lo da consideração respeitosa que o professor afetuosamente lhe atribuía. Já em tempos da chamada era digital, a possibilidade de humilhar os educadores que se encontram, nesse caso, literalmente no chão, e de expor tais imagens associadas a seu nome parece ser bem mais sedutora do que o risco de ser identificado e, assim, perder o respeito de seu professor.

Desta forma, há dois aspectos que precisam ser destacados em relação aos acontecimentos deste vídeo: 1) O desejo dos alunos de exposição das imagens e comentários sobre os professores no YouTube ser mais intenso do que o receio de sofrer alguma retaliação; 2) O fato de poder ser midiaticamente percebido sobrepujar o risco de perder o afeto por parte do professor que foi e continuará sendo visto nas redes sociais, mesmo que adquira o direito na justiça de ter suas imagens e depoimentos apagados.

Na era digital, o desejo de se exibir, eletrônica e midiaticamente, parece estar alterando decisivamente a relação ambivalente de amor e ódio que sempre caracterizou a relação professor-aluno, bem como o exercício da autoridade pedagógica por parte do professor. De fato, há tempos a incorporação da autoridade pedagógica por parte do aluno majoritariamente se fundamentou na relação afetuosamente respeitosa estabelecida com seu educador. É nesse sentido que a autoridade pedagógica se diferencia do autoritarismo do professor que precisa do grito e da fúria para poder ser obedecido pelos seus alunos. A internalização da disciplina escolar, sendo esta condição fundamental para a incorporação da autoridade pedagógica, deve ser realizada tendo como base relações de confiança estabelecidas entre professores e alunos (KYRIACOU, 2009).

O interesse do professor pelas considerações dos alunos faz com que eles próprios se sintam confiantes não só em expor o que pensam, como também em relação ao professor que não os ridicularizará por conta de alguma resposta equivocada. Na verdade, o sarcasmo dos professores em relação aos alunos é identificado como uma das principais formas de violência simbólica presente nas relações de ambos, as quais se desenvolvem no decorrer do cotidiano escolar. Etimologicamente, sarcasmo significa dilacerar a carne. No caso do emprego do sarcasmo por parte do professor, é como se ele dilacerasse o desenvolvimento do pensamento do aluno, ao impor o significado de uma expressão com conotação humilhante em relação a algum tipo de comentário feito pelo aluno. O professor que pergunta sarcasticamente, diante de toda a turma de alunos, se um determinado aluno sabe somar dois mais dois diante de uma resposta errada, contribui decisivamente para a danificação do processo educacional/formativo deste mesmo aluno.

Infelizmente, os alunos parecem aprender muito bem tal “lição”, haja vista o comentário do aluno deste vídeo que, gargalhando, grita para os colegas: “Os professores estão num mundo maravilhoso!”. Ou seja, os professores, que estão estirados no chão, sujos de lama e sendo agredidos pelos próprios alunos, finalmente desceram de seu pedestal para adentrar no mundo “verdadeiro”, material e objetivo. É interessante observar que nesse comentário sarcástico do aluno encontra-se também um evidente desejo de se aproximar de seus mestres. É como se ele dissesse aos professores: “Até que enfim chegou o dia de vocês perceberem como é verdadeiramente o nosso mundo e não o que vocês idealizam cotidianamente na sala de aula!”. Contudo, a força deste apelo se dissipa mediante a exposição da humilhação perene e contínua dos professores, cujas imagens do cyberbullying serão reproduzidas *ad infinitum* e compartilhadas por meio do YouTube.

Não só nesse vídeo, como também nos dois anteriores e nos milhares de vídeos que são cotidianamente postados em relação aos professores dos mais variados países, as imagens humilhantes e degradantes promovem um tipo de retaliação, por parte dos

alunos, que permite constatar o arrefecimento do chamado currículo oculto. Sabe-se que, historicamente, o estabelecimento da autoridade do professor em relação ao aluno não só se fundamentou em aspectos objetivos, voltados para o aprendizado de conteúdos, como também em aspectos subjetivos, na medida em que relações de poder se afirmavam entre ambos por meio de atitudes não tão explícitas que envolviam transmissões de valores e expectativas, sobretudo por parte do professor.

Contudo, nos dias de hoje a visibilidade de tais relações é completamente diferente. Se as retaliações dos alunos em relação aos comportamentos de seus professores permaneciam, até certo tempo atrás, no espaço dos muros das salas de aula, atualmente elas são possíveis de serem conferidas em quaisquer tempo e espaço através do uso dos recursos tecnológicos da chamada era digital.

E se por detrás de tais imagens observa-se a presença notória do desejo de aproximação com o professor, é chegado o momento do professor se questionar, em meio ao controle e ao uso das denominadas novas tecnologias por parte dos alunos, quais são suas atitudes diante do que os alunos têm a dizer sobre o uso que fazem dos aparelhos que permitem a comunicação *online* e o acesso a informações de forma inédita.

## Conclusão

Que imagem os alunos têm do professor na sociedade da audiovisibilidade total? A resposta para essa pergunta pode ser formulada por meio do acesso das manifestações dos alunos nas formas de imagens e comentários que são continuamente postados nos sites de redes sociais. Nesta mesma sociedade, a exibição de tais imagens e comentários fornece aos alunos a oportunidade não só de sadicamente imporem um novo tipo de retaliação, como também o prazer narcísico de ser identificado e se identificar como aquele que conseguiu ser eletrônica e midiaticamente percebido por milhares e, até mesmo, milhões de espectadores.

Mas a presença, proibida ou não, dos aparelhos que permitem a realização da comunicação *online* nas escolas faz com que se reflita sobre as atuais transformações na produção e disseminação das informações, sobretudo no que diz respeito à possibilidade de que tais informações possam ser relacionadas entre si com o objetivo de que se produzam conceitos. Diante da necessidade imperativa dos alunos de não se, literalmente, desligarem de seus aparelhos celulares, a ponto de desafiarem as regras referentes ao seu uso em ambientes escolares, os professores não se contêm e imediatamente se revoltam.

No caso específico do cyberbullying praticados pelos alunos, constatou-se, por meio dos três vídeos analisados, o modo como os alunos rompem com questões-tabu relacionadas a seus professores, tais como a prática de agressões físicas e psicológicas. Sabe-se que a prática de tais agressões antecede, e muito, o período da atual era digital, uma vez que a presença de agressões físicas verbais entre professores e alunos pode ser observada desde o cotidiano escolar da Antiguidade greco-romana. Mas há uma diferença fundamental quando se compara o exercício de tais práticas de violência com as cometidas na sociedade hodierna. Atualmente, o prazer do cyberbully em exibir as imagens e comentários gravados através de seus aparelhos celulares, os quais são postados no YouTube e no Facebook, é muito maior do que o receio de

sofrer algum tipo de reprimenda por parte dos professores (KYRIACOU; ZUIN, 2015; ZUIN, 2012). Além disso, os alunos que praticam o cyberbullying em relação a seus professores sabem que, para vencer a concorrência com milhares de imagens, que também como que clamam para capturar a atenção dos espectadores, precisam fazer com que suas imagens e comentários sejam ainda mais agressivos, fato este que tende a fazer com que as práticas de cyberbullying se tornem ainda mais violentas. E são tais imagens e comentários que permanecerão *ad infinitum* na Internet, a despeito de quaisquer medidas judiciais que os proíbam de serem veiculados. Dessa forma, a perpetuação do cyberbullying é proporcionada pela intervenção da memória digital que impossibilita o esquecimento da violência praticada de modo *online*.

É interessante destacar o modo como alunos de vários países estão utilizando o YouTube para poder postar suas imagens e comentários agressivos e humilhantes sobre seus professores. Não se trata de um fenômeno isolado que se refira exclusivamente ao contexto educacional de um país específico, embora deva-se reconhecer que seria interessante investigar como tais características idiossincráticas se materializam na forma como o cyberbullying é praticado numa cultura escolar de um determinado país. Contudo, não menos interessante é o fato de que nos mais variados países os estudantes estão utilizando seus aparelhos celulares para praticar cyberbullying contra seus professores, de tal modo que o silêncio das relações-tabu entre tais agentes educacionais, que outrora permanecera entre as paredes das salas de aula, é midiática e espetacularmente rompido por meio do uso das redes sociais.

Diante deste contexto, os professores, um dos principais alvos de cyberbullying, precisam contribuir para que seus alunos possam estimular a concentração nos conteúdos estudados, ao utilizarem as mesmas tecnologias que hoje são empregadas majoritariamente para consolidar a supremacia da distração concentrada. É por meio de tal incentivo à concentração que se torna possível fazer com que os alunos possam refletir sobre as informações dispostas nos mais variados links, de tal maneira que tanto novas relações conceituais, como pessoais, possam ser engendradas com seus professores.

Mais do que nunca, em tempos da disseminação da distração concentrada, a figura do professor como organizador de tais informações torna-se fundamental para o desenvolvimento do processo de ensino e aprendizagem. É dessa forma que os professores, por meio das mediações das tecnologias virtuais, auxiliam o processo através do qual os alunos voltam a ter um contato corporal com as próprias ideias, os mesmos alunos que cada vez mais dominam os segredos do espaço virtual. Talvez justamente nesse ponto resida a possibilidade de que a autoridade pedagógica seja ressignificada, na medida em que o professor efetivamente considera, entusiástica e interessadamente, aquilo que os alunos têm a dizer sobre o que significa para eles a comunicação e o contato com as informações obtidas pelo uso constante das redes sociais.

## Referências

HINDUJA, Sameer; PATCHIN, Justin. Bullying, cyberbullying, and suicide, **Archives of Suicide Research**, 14, 206-221, 2010.

KYRIACOU, Chris. **Helping Troubled Pupils**, Cheltenham: Nelson Thornes, 2003.

- KYRIACOU, Chris. **Effective teaching in schools**: theory and practice, Cheltenham: Stanley Thornes, 2009.
- KYRIACOU, Chris; ZUIN, Antônio. Cyberbullying of teachers by students on YouTube: Challenging the image of teacher authority in the digital age. **Research Papers in Education**, v.1, p.1-19, 2015.
- LIVINGSTONE, Sonia. Taking risky opportunities in youthful content creation: teenagers' use of social networking sites for intimacy, privacy, and self-expression, **New Media Society**, 10, 393-411, 2009.
- O'HIGGINS, James Norman; CONNOLLY, John. Mimetic theory and scapegoating on the age of cyberbullying: the case of Phoebe Prince. **Pastoral Care in Education**, 29 (4), 287-300, 2011.
- TÜRCKE, Christoph. **Sociedade excitada**: filosofia da sensação. Campinas: Unicamp, 2010.
- TÜRCKE, Christoph. Vício e fundamentalismo. In: ZUIN, Antônio, LASTÒRIA, Luiz A.; GOMES, Luiz Roberto. **Teoria crítica e formação cultural**: aspectos filosóficos e sociopolíticos. Campinas: Autores Associados, 2012.
- WEI, Fang-Yi; WANG, Ken. Student's silent messages: can teacher verbal and nonverbal immediacy moderate student use of text messaging in class?, **Communication Education**, 59 (4), 475-496, 2010.
- ZUIN, Antônio. **Violência e tabu entre professores e alunos**: a internet e a reconfiguração do elo pedagógico, São Paulo: Cortez, 2012.